



<https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.7465>

DE ATIVISTA INFANTIL A PRÊMIO NOBEL PELA PAZ: A HISTÓRIA DE MALALA E SEU DESEJO DE ESTUDAR

FROM CHILDREN'S ACTIVIST TO NOBEL PEACE PRIZE: THE STORY OF MALALA AND HER DESIRE TO SCHOOL

Concísia Lopes dos Santos¹

<https://orcid.org/0000-0002-0928-1270>

RESUMO: Malala Yousafzai, ativista paquistanesa pelos direitos humanos das mulheres e pela sua educação em seu país natal, é a pessoa mais jovem a receber um Prêmio Nobel da Paz até agora, natural do vale do Swat, onde os talibãs proíbem que meninas frequentem a escola, desde a primeira década do século 21. Ela vem de uma família que tem Ziauddin Yousafzai, seu pai, como professor e proprietário de uma escola na região. Desde cedo Malala foi educada e alfabetizada, recebendo as mesmas instruções dadas aos irmãos, meninos. Assim, cresceu entendendo direitos iguais para meninos e meninas, especialmente no que trata do direito à escola formal. Este estudo propõe a análise da biografia de Malala escrita por Adriana Carranca, com vistas a identificar o propósito do texto, avaliar sua eficácia examinando o uso de descrições de lugares e situações vivenciadas pela autora e pela biografada, fatos e exemplos, bem como avaliar o estilo de escrita, dicção e tom de autoria do texto. Quanto à sua abordagem, trata-se de um estudo qualitativo, cujo objetivo central é conhecer, entender e explicar a história de vida de Malala, considerando a narrativa de Carranca. Quanto à natureza, é de um estudo de pesquisa básica; quanto aos seus objetivos, trata-se de um estudo exploratório; quanto aos procedimentos, uma pesquisa bibliográfica. Trata-se, por fim, de um estudo que busca levar para discussão uma obra de caráter feminista, capaz de colocar a discussão da temática entre crianças de idades entre 10 e 12 anos de idade.

Palavras-chave: Malala; Adriana Carranca; Feminismo.

¹ Professora de Teoria da Literatura do Departamento de Letras Estrangeiras no Campus Avançado de Pau dos Ferros, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, do Programa de Pós-graduação em Letras e colaboradora no Programa de Mestrado Profissional em Letras/Pau dos Ferros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0554450524672928>. E-mail: concisialopes@uern.br

ABSTRACT: Malala Yousafzai, a Pakistani activist for women's rights and education in her native country, is the youngest person to date to receive a Nobel Peace Prize. Born in the Swat Valley, where the Taliban has banned girls from attending school since the early 21st century, she comes from a family where her father, Ziauddin Yousafzai, is a teacher and owner of a school in the region. From an early age, Malala was educated and literate, receiving the same instruction as her brothers. Thus, she grew up understanding equal rights for boys and girls, especially regarding the right to formal schooling. This study proposes an analysis of Adriana Carranca's biography of Malala, with the aim of identifying the text's purpose, evaluating its effectiveness by examining the use of descriptions of places and situations experienced by the author and the subject, facts and examples, as well as evaluating the writing style, diction, and authorial tone of the text. In terms of its approach, it is a qualitative study, whose central objective is to know, understand, and explain Malala's life story, considering Carranca's narrative. In terms of nature, it is a basic research study; in terms of its objectives, it is an exploratory study; and in terms of its procedures, it is a bibliographic research study. Finally, it is a study that seeks to bring to discussion a work of a feminist nature, capable of placing the discussion of the theme among children aged 10 to 12.

Keywords: Malala; Adriana Carranca; Feminism.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partindo da construção da palavra Biografia, originada no grego (*bios* = vida; *graphein* = escrever), temos os termos BIO = vida; GRAFIA = escrita. Biografia, portanto, significa “registro da vida de uma pessoa”, ou seja, a narração da vida de uma pessoa por outra, o biógrafo. Esse é o gênero em que se coloca o livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca, publicado pela primeira vez em 2015 pela Companhia das Letrinhas, que assim o apresenta:

Neste livro-reportagem, a jornalista Adriana Carranca relata às crianças a história da adolescente paquistanesa Malala Yousafzai, baleada por membros do Talibã aos catorze anos por defender a educação feminina. A repórter traz suas percepções sobre o vale do Swat, a história da região e a definição dos termos mais importantes para entender a vida desta menina tão corajosa².

A biografia é um gênero textual que tem como objetivo narrar eventos marcantes da vida de uma pessoa, seja de uma grande personalidade ou de uma pessoa comum, produzido a partir de um estudo profundo sobre a vida e a época do biografado. Surgida durante as civilizações clássicas, como Grécia e Roma antigas, pode ser também encontrada em trechos escritos por povos mais antigos, como os egípcios, que, ao ressaltar os feitos de seus líderes, estariam construindo uma

² Texto disponível no sítio da editora:

https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788574066707/malala-a-menina-que-queria-ir-para-a-escola?srsId=AfmBOoqwz_xQ38VBhOv2xtO342RbeUTEWRqKdn_7TVeQYscG_OWJpcJy Acesso em 02/02/2025.

biografia. Estudiosos acreditam que tenha sido o filósofo grego Damáscio, último dos neoplatônicos e último escolarca da Escola de Atenas, o responsável pela criação do termo biografia, a escrita que narra a vida de alguém.

De uma forma geral, a biografia apresenta (Vilas-Boas, 2014) as seguintes características principais: é um texto de tipo narrativo; os acontecimentos são narrados de forma cronológica; pode ser escrito em terceira ou em primeira pessoa, sendo este último chamado autobiografia, uma escrita de sua própria vida.

Um ponto importante que deve ser destacado a respeito das características de uma biografia é que ela não se limita apenas à narração de acontecimentos pessoais ou íntimos do biografado, mas desenvolve também uma análise de como as ações dessa pessoa influenciaram ou foram influenciadas pelos acontecimentos da época em que ela viveu.

A elaboração de uma biografia exige um estudo profundo a respeito da pessoa biografada e da época em que ela viveu. Esse estudo pode ser realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, consultando documentos pessoais ou não, sobre o biografado. No caso da existência de pessoas ainda vivas, que conheçam ou conheceram o biografado, entrevistas também podem ser realizadas.

Adriana Carranca é a biógrafa do livro que aqui se analisa. Ela “é escritora e jornalista, especializada na cobertura de conflitos, crises humanitárias e direitos humanos, com olhar especial sobre a condição das mulheres”³. *Além de Malala, a menina que queria ir para a escola* (2015), livro que foi duplamente premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2016, nas categorias “Escritora Revelação” e “Melhor livro informativo”, e finalista do Prêmio Jabuti, Carranca também escreveu *Entre sonhos e dragões* (2022), que narra histórias reais de meninas afegãs no esporte, nas artes e na educação.

Este estudo propõe a análise da biografia de Malala escrita por Carranca, com vistas a identificar o propósito do texto, seja ele escrito para informar, persuadir ou entreter, avaliar sua eficácia examinando o uso de descrições de lugares e situações vivenciadas pela autora e pela biografada, fatos e exemplos, bem como avaliar o estilo de escrita, dicção e tom de autoria do texto. Quanto à sua abordagem, trata-se de um estudo qualitativo, cujo objetivo central é conhecer, entender e explicar a história de vida de Malala, considerando a narrativa de Carranca. Quanto à natureza, trata-se de um estudo de pesquisa básica, neste primeiro momento, gerando novos conhecimentos para o avanço das discussões sobre a presença do feminismo em obras dedicadas ao público infantil. Quanto aos seus objetivos, trata-se de um estudo exploratório, a fim de proporcionar uma melhor familiaridade com a história de vida de Malala, a partir de levantamentos bibliográficos e análise da biografia da jovem ativista paquistanesa. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, produzida a partir de material já produzido, como livros, revistas e artigos científicos. Trata-se, por fim, de um estudo que busca levar para discussão uma obra de caráter feminista, capaz de colocar a discussão da temática entre crianças de idades entre 10 e 12 anos de idade.

Dito isso, passamos a analisar como Adriana Carranca construiu *Malala, a menina que queria ir para a escola*.

³ Texto disponível no site da editora:

<https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/03298/adriana-carranca> Acesso em 02/02/2025.

2 SOBRE O ESTILO E OS PROPÓSITOS DO TEXTO

O livro é iniciado por um Prefácio, no qual a autora explica, em primeira pessoa, o que será narrado:

Tudo o que eu vou contar aqui aconteceu de verdade. É incrível que tenha sido assim, mas foi. Eu sei porque eu estive lá. Atravessei meio mundo com uma missão: descobrir o que aconteceu de verdade com uma menina chamada Malala Yousafzai e por que ela estava sendo perseguida. Eu recebi essa missão porque é isso que os jornalistas fazem: investigam, bisbilhotam tudo, plantam perguntas e colhem histórias. [...] assim como as crianças, os jornalistas adoram fazer tudo o que é proibido (Carranca, 2015, p. 7).

Já nesse primeiro momento a autora procura um diálogo direto com as crianças, em uma linguagem objetiva, direta e simples, provocando-os quanto aos seus anseios por encontrar explicações para fatos não evidenciados, bem como para o fato da costumeira busca infantil para desafiar os limites que lhe são permitidos.

O primeiro capítulo passa a ser narrado em terceira pessoa, apresentando a personalidade que será biografada e as características do lugar onde ela vivia:

Malala era uma menina que queria ir para a escola. Mas, no lugar onde vivia, isso era proibido. Livro, só escondido. No caminho para a escola havia muitos perigos. Riscos inimagináveis, de morte até. Esse lugar se chama vale do Swat (Carranca, 2015, p. 9).

Nos dois primeiros parágrafos a autora consegue dar destaque à personalidade que biografa e ao lugar onde vive, de modo direto, simples e, ao mesmo tempo, instigante, uma vez que destaca uma vontade proibida e os perigos para a realização dessa vontade. É importante estacar o uso dos verbos que marcam a terceira pessoa: “era”, “queria”, “vivía”, cujo sujeito é “Malala”.

A partir do terceiro parágrafo da narrativa é dado espaço às descrições do lugar onde está situado geograficamente o vale onde viveu Malala:

O vale do Swat fica num país distante chamado Paquistão. Tem campos verdejantes, cercado por montanhas gigantes, que a neve pinta de branco quase o ano inteiro. No verão, quando o sol aquece os picos, a neve derrete e se junta ao rio Swat, que desce serpenteando a serra até o encontro do rio Cabul, este vindo do país vizinho, o Afeganistão. Ali, entre a magnífica cordilheira de Hindu Kush e as águas cristalinas dos rios, com um pé no Paquistão e outro no Afeganistão, vivem há mais de 2 mil anos os pashtuns, como Malala (Carranca, 2015, p. 9).

A partir desse momento a narrativa começa a destacar o seu propósito: informar. A descrição dos espaços onde vive Malala, bem como os lugares que a jornalista visita para realizar sua pesquisa é realizada de modo a pintar uma espécie de quadro para o leitor, ao descrever cada cena completamente, a fim de levar o leitor a recriar o espaço em sua mente. Observamos na descrição os detalhes geográficos que situam o leitor a precisar a localização e o clima do lugar. Esses detalhes também são encontrados quando a jornalista descreve os lugares por onde passou até chegar ao seu lugar de destino. O que ela vê é cuidadosamente descrito:

A ilustração de Bruna Assis Brasil conta a história junto à narrativa. O mapa desenhado na página 8 ajuda o leitor a visualizar a ligação entre os dois países, especialmente a localização de Mingora, onde viveu Malala. Postos lado a lado, o mapa ilustrado por Brasil (Figura 1) e um mapa político (Figura 2) da mesma região, observamos o cuidado também de garantir a precisão na informação recriada pela ilustradora. Deve-se observar também o destaque dado ao local preciso que está sendo descrito. O vale do Swat recebe ilustrações de suas montanhas e vale, bem como é destacada também a área da cidade Mingora. Tudo isso leva o leitor a ter mais precisão sobre as informações do texto narrativo.

Ao compararmos a ilustração de Brasil com um mapa político⁴, podemos observar bem suas semelhanças, como o formato do país, os destaques para as principais cidades e os países com os quais o Paquistão faz fronteira. Vejamos:

Figura 2 - Mapa político



Além dessas informações geográficas sobre o vale do Swat, a autora também nos traz informações históricas sobre a região.

São tão belas e férteis suas terras, que poderosos imperadores tentaram conquistá-las. Até Alexandre, o Grande – o maior deles. O rei dos reis viajou ao vale do Swat no ano 328 a.C., desafiou deuses que se acreditava protegerem o vale, cruzou rios apinhados de gaviais, venceu os montes, lutou batalhas atroz. Mas, ao enfrentar os bravos pashtuns, acabou ferido, e por isso admitiu não ser imortal, mas um homem comum. Seus escritos não sobreviveram intactos ao tempo, mas persistem nas lendas do Swat.

[...]

Gengis Khan, fundador do maior império da história, atravessou essas terras no ano 1200 com seus cavalos de guerra e arqueiros tão hábeis que eram capazes de acertar o alvo com suas flechas a mais

⁴ Mapa disponível na internet: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paquistao.html>

de quinhentos metros de distância. Deixou como herança o *buzkashi*, um jogo bélico em que cavaleiros disputam uma cabra sem cabeça. Sem cabeça! Era assim que eles treinavam seus guerreiros nas montanhas, e os pashtuns aprenderam com eles.

Outros conquistadores vieram. Mas os pashtuns nunca se deixaram dominar porque são um povo muito bravo e valente; o mais bravo e valente de todos os povos bravos e valentes.

[...]

Foi deles que as meninas do Swat herdaram sua coragem (Carranca, 2015, p. 10-11).

Como se percebe, as informações geográficas e históricas contribuem para a descrição do lugar onde vivia Malala, bem como para explicar o que tornava o povo desse lugar tão bravo e valente, os quais deixaram a herança de bravura e coragem todos, inclusive para as meninas.

Essas informações vêm ampliadas por Carranca ao contar sobre a história da família real do vale do Swat:

Eu acho curioso que ainda existam reis e rainhas, príncipes e princesas de verdade. Então, quando cheguei ao Paquistão, a primeira coisa que fiz foi visitar o príncipe do Swat.

Seu nome é Miangul Adnan Aurangzeb, mas agora ele é um ex-príncipe, usa terno e gravata e mora em uma casa, porque já não tem um castelo. [...] Enquanto tomávamos chá, em xícaras de ouro e porcelana, ele me mostrou fotos de sua infância e foi como se fizéssemos uma viagem no tempo.

[...]

A menina de vestido rodado, que aparece na fotografia brincando com ele, era a melhor amiga de infância do príncipe, Benazir Bhutto. Você já ouviu falar dela? Quando cresceu, Benazir se tornou a primeira mulher a assumir o posto mais alto de um país muçumano, o de primeira-ministra do Paquistão. Mas os mesmos homens que perseguiam Malala tampouco a deixavam em paz, até que um dia ela não conseguiu mais escapar das garras deles. Benazir Bhutto morreu em um atentado a bomba (Carranca, 2015, p. 13-14).

É importante observar que a biógrafa destaca o fato de ainda existir família real de verdade atualmente, como nas histórias e contos de fadas. Mas o mais importante é observar o quanto essa família real respeitava o lugar da mulher na sociedade, pois havia a participação de mulheres em cargos políticos muito importantes nessa época, como a Benazir Bhutto⁵, que foi assassinada pela Al-Qaeda⁶.

⁵ No dia 27 de dezembro de 2007, a política paquistanesa, Benazir Bhutto, foi morta, aos 54 anos, em um atentado que deixou outras 20 pessoas mortas, num dos eventos mais chocantes da história violenta do país. Benazir Bhutto saía de um comício, em Rawalpindi, cidade próxima à capital, Islamabad, quando foi alvejada no pescoço e no peito. Em seguida, um homem-bomba explodiu próximo ao veículo em que ela estava. Um dirigente da Al-Qaeda reivindicou a responsabilidade pelo atentado. A candidata do Partido Popular do Paquistão liderava a oposição ao governo do ditador Pervez Musharraf. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/fr/node/1373179> Acesso em 11/05/2025.

⁶ Al-Qaeda ou, na ortografia aportuguesada, Alcaida é uma organização e grupo terrorista, fundamentalista islâmica internacional, que tem a sua atuação principalmente baseada em ataques terroristas que mataram milhares de pessoas pelo mundo.

[...] O príncipe tem muita saudade desse bisavô. Seu nome era Miangul Golshahzada Abdul-Wadud⁷, o wali⁸ Swat. Um wali de verdade!

[...]

O wali do Swat também achava a educação importante. Foi ele quem abriu as primeiras escolas para meninas do vale.

Mas isso foi antes da guerra e de as meninas serem proibidas de estudar (Carranca, 2015, p. 14-16).

Essas informações históricas têm o papel fundamental de dar a conhecer um Paquistão mais igualitário nos direitos de homens e mulheres, uma vez que a elas era dado o direito de participar de algumas das mesmas atividades que os homens, como ir à escola e participar da política do país. Isso muda a partir do ano de 2004, quando o exército paquistanês continuou a caça aos elementos da Al-Qaeda e do Talibã⁹, fazendo com que a tensão se degenerasse em resistência armada das tribos locais na zona montanhosa do Waziristão (no Território federal das Áreas Tribais) província do Paquistão (The Washington Post, 2006).

De acordo com a *BBC News Brasil* (2021),

Os afegãos, cansados dos excessos e das lutas internas dos mujahedin depois que os soviéticos foram expulsos, em geral deram as boas-vindas ao Talebã quando eles apareceram pela primeira vez. Sua popularidade inicial foi em grande parte devido ao sucesso em erradicar a corrupção, diminuir os crimes e tornar as estradas e as áreas sob seu controle seguras para o comércio.

Mas o Talebã também introduziu punições de acordo com sua interpretação estrita da lei Sharia - como execuções públicas de supostos assassinos e de adúlteros e amputações para ladrões.

Os homens eram obrigados a deixar a barba crescer e as mulheres a usar a burca, uma vestimenta que cobre o corpo todo.

O Talibã também proibiu a televisão, a música e o cinema, e não permitia que meninas de 10 anos ou mais frequentassem a escola.

Eles foram acusados de vários abusos contra os direitos humanos e culturais. Um exemplo foi em 2001, quando o Talebã destruiu as famosas estátuas do Buda Bamiyan no centro do país, gerando indignação internacional.

As informações históricas trazidas pela biógrafa sobre os grupos extremistas que governam o país vêm a corroborar o que ela vem contando sobre um Paquistão de antes e um depois da subida ao poder por um grupo que traz ideias baseadas em leituras, na maioria das vezes, equivocadas ou distorcidas de um livro considerado sagrado a um povo: o Corão. É curioso observar que esses extremistas conseguem o apoio popular com a promessa de acabar com a corrupção, diminuir os crimes e aumentar a segurança das pessoas, porém não divulgam seus planos de mudança

⁷ Miangul Golshahzada Abdul-Wadud governou de 1918 a 1949, quando abdicou em favor de seu filho mais velho, *Miangul Jahan Zeb*

⁸ Líder do principado, equivalente a um rei.

⁹ O Talebã é um grupo fundamentalista islâmico que controlou o Afeganistão entre 1996 e 2001 com um rígido regime baseado em uma versão radical da Sharia, a lei islâmica. Eles foram retirados do poder por uma coalizão militar liderada pelos Estados Unidos em 2001, mas voltaram a dominar o país rapidamente depois da retirada das tropas americanas em julho de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58225850> Acesso em: 11/05/2025.

completa nos direitos dos envolvidos naquela sociedade. Essas informações são essenciais na biografia por ser importante entender o período em que a pessoa viveu, as condições sociais, políticas e culturais que influenciaram sua vida e suas ações.

É contra essa perda de direitos que Malala luta ainda hoje, mesmo não vivendo mais em seu país natal.

Ao fazer essa retomada de informações geográficas e históricas, de modo detalhado e cronológico, Carranca oferece ao leitor uma compreensão mais profunda sobre a trajetória de Malala e o impacto de sua luta na sociedade de que participa.

Considerando essas construções, observamos que o texto de Carranca tem por propósito informar do modo mais preciso possível, de modo narrativo e descritivo o que descobriu sobre Malala e sobre a história do seu país no Paquistão.

3 SOBRE DICÇÃO E TOM DA ESCRITA

Analisar a dicção em uma biografia significa observar e compreender a escolha das palavras e frases utilizadas pelo biógrafo. Alguns autores costumam escrever com um vocabulário mais simples, enquanto outros usam palavras mais rebuscadas para soar mais sério ou mais formal. São usadas também palavras mais antigas, que podem não ser mais usadas hoje, mas podem dar uma ideia da época e do lugar.

No texto de Carranca, encontramos uma linguagem simples e direta, uma vez que escreve para o público infantil, especialmente de 9 a 12 anos. Seu texto também traz palavras comuns do vocabulário paquistanês, cujas explicações são dadas em um glossário que aparece página a página, acompanhando o texto, sem a necessidade de o leitor buscar o final do livro para descobrir o que significa aquela palavra desconhecida, de outra cultura. Isso permite não só acompanhar o texto de modo mais dinâmico, mas também amplia o vocabulário do leitor sobre a cultura que está apresentando, aproximando o leitor da cultura da biografada.

É assim que tomamos conhecimento, logo na primeira página da narração, do que é Pashtun:

Pashtun: etnia de um povo guerreiro que vive ao longo da Hindu Kush, entre o Afeganistão central e o norte do Paquistão. Sua origem é incerta. Uns acreditam tratar-se de uma das dez tribos perdidas de Israel, embora não haja provas históricas sobre isso. Outros dizem que eles vêm da mistura dos povos arianos e invasores. Eram chamados de “povos das montanhas” (Carranca, 2015, p. 9).

A biografia de Malala escrita por Adriana Carranca tende a usar palavras técnicas, científicas e da cultura paquistanesa, bem como termos relacionados ao movimento dos direitos das mulheres e das meninas paquistanesas especialmente para educar os leitores e mostrar-se confiável.

Malala nasceu e cresceu entre os corredores e carteiras antigas de madeira da Escola Khushal, a maior do vale, do professor Ziauddin Yousafzai, seu pai. Era 12 de julho de 1997 quando a mãe deu à luz a menina com a ajuda de uma vizinha parteira, num casebre na frente da escola. Ziauddin lhe transferiu seu sobrenome. Aos nossos olhos, parece um gesto comum, mas nas sociedades patriarcais do sul da Ásia, como o Paquistão, filhos homens têm predileção. A chegada de um menino é motivo de festa, celebrada com música, dança e

comidas típicas, enquanto a de uma menina não é sequer anunciada. Criadas para se casar cedo, quando adotarão o nome da tribo do marido, elas raramente são registradas no nascimento. Oficialmente, não existem.

Malala não conheceu essa distinção. Pai e filha tinham uma relação especial (Carranca, 2015, p. 29).

Esse trecho acima transcrito nos dá a conhecer mais detalhes sobre a cultura paquistanesa, especificamente no tocante aos direitos das mulheres no país. O fato de uma menina não ter sequer o direito de receber o nome de seu pai, de sua família, sendo invisibilizada desde o nascimento já nos leva a compreender o valor e o respeito que lhe são dados nessa sociedade: nenhum. “Oficialmente, não existem” (Carranca, 2015, p. 29).

Para uma mudança em uma sociedade é necessário que haja uma transformação no modo de pensar e de agir pelos membros dessa sociedade. O pai de Malala é esse movimento de mudança. A partir de seu lugar de autoridade, enquanto homem na sociedade paquistanesa, ele registra sua filha, transfere-lhe o seu sobrenome. Ao fazer isso, um gesto comum para as sociedades ocidentais, como a nossa, ele está realizando uma grande mudança em sua cultura. Pode parecer pouco, mas toda mudança começa com um pequeno passo.

A preferência por filhos homens está profundamente enraizada em muitos países asiáticos por razões econômicas e culturais. As filhas muitas vezes são vistas como motivo de endividamento das famílias, que têm de pagar um dote para que elas se casem.

Além disso, quando ficam mais velhos, os pais costumam ser sustentados pelos filhos homens e suas esposas (BBC Brasil.com, 2007).

Para além desses fatores, em muitas culturas, homens e meninos são vistos como tendo um status social mais elevado, com mais direitos e oportunidades tanto econômicas quanto sociais. Em algumas tradições religiosas e culturais, os homens são considerados os únicos capazes de realizar certos rituais, como orações pelos mortos ou herança de bens, enquanto às mulheres não é dado o direito de recebimento de terras, por exemplo.

Em contextos em que recursos são escassos, a preferência por filhos costuma ser reforçada, pois eles são vistos como mais capazes de prover recursos para a família no futuro, especialmente na velhice. Em algumas sociedades, como na Índia, a família da noiva precisa pagar um dote, o que pode levar à valorização de filhos homens, que não precisam de dote e podem trazer mais recursos para a própria família.

A preferência por filhos é um fenômeno complexo com raízes em fatores sociais, culturais e econômicos. Reconhecer e abordar as causas subjacentes da desigualdade de gênero é fundamental para promover a igualdade e o respeito por todas as crianças, independentemente do sexo.

O empoderamento de mulheres e meninas é fundamental em todas as abordagens para acabar com práticas cruéis e nocivas enraizadas na desigualdade de gênero. Implica garantir que meninas e mulheres tenham acesso a oportunidades educacionais e econômicas, conheçam os cuidados de saúde sexual e reprodutiva e outros serviços essenciais à saúde, para que estejam equipadas com tudo o que

precisam ao tomar decisões informadas sobre seus corpos e suas vidas. É essa a premissa usada pelo pai de Malala. Ele dá à filha a oportunidade de reger sua própria vida, ao dar-lhe direitos fundamentais, como ter um nome, existir oficialmente.

Malala o acompanhava em protestos, reuniões e eventos públicos, sempre atenta aos movimentos e dizeres do pai. Os dois se tornaram grandes companheiros.

Ziauddin era um homem justo e dava à filha os mesmos direitos que conferia aos filhos (Carranca, 2015, p. 30).

Outra estratégia importante para a defesa da igualdade entre gêneros é engajar homens e meninos para desafiar as normas sociais e de gênero que desvalorizam mulheres e meninas, como fez Ziauddin, o pai de Malala. Ao colocar sua filha em pé de igualdade com seus filhos, ele estava mostrando a ela o lugar que deveria ocupar.

O tom é a atitude geral de um texto escrito. Algumas autobiografias e biografias são escritas em tom humorístico, enquanto outras podem ser reflexivas, solenes ou respeitadas. O tom também pode mudar dentro do livro. Reconhecê-lo nos ajuda a ver como a atitude do autor molda a história que conta, quais fatos e exemplos são incluídos para nos persuadir, entreter ou informar.

Carranca utiliza um tom formal em sua escrita, é precisa e cuidadosa, apesar de trazer uma linguagem simples, dirigida ao público infantojuvenil. Também mantém um tom sério devido à seriedade e importância que Malala e sua história exigem. Ao mesmo tempo, é também um tom inspirador, ao contar com detalhes a história de Malala, levando o leitor a acreditar na possibilidade de enfrentar os desafios, superá-los e alcançar seus objetivos, como a protagonista da história que conta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Malala, contada por Adriana Carranca em seu livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*, é envolvente e comovente. Seguindo o modelo geral da escrita de uma biografia, a jornalista consegue construir todos os elementos que dão a conhecer a biografada e a compreender por que ela incomodou tanto os homens do Talebã com sua busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres e, principalmente, pelo direito de todas as meninas irem à escola.

Entendemos o que faz Malala iniciar como uma ativista infantil e tornar-se uma premiada pelo Nobel da Paz.

Ao conhecê-lo entendemos o quanto é necessária uma literatura engajada desde a infância, a fim de permitir que nossas meninas e meninos cresçam com consciência de seus direitos e deveres e com exemplos reais que as/os estimulem a desconstruir desde cedo essa cultura machista e patriarcal que tentam nos obrigar a aceitar como natural todos os dias de nossas vidas.

REFERÊNCIAS

BBC Brasil.com. Preferência por bebês homens na Ásia 'terá graves consequências'. 29 de outubro de 2007. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/10/071029_homensasia_is
Acesso em: 11/05/2025.

BBC News Brasil. Afeganistão: O que é o Talebã? 15 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58225850> Acesso em: 11/05/2025.

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola.** Ilustrações Bruna Assis Brasil. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

The Washington Post. Editorials: The War in Pakistan. Wednesday, January 25, 2006. Disponível em : <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/01/24/AR2006012401528.html> Acesso em: 11/05/2025.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografismo:** reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Recebido: 05/09/2025

Aceito: 18/02/2026

Publicado: 27/03/2026

COMO CITAR:

SANTOS, Concísia Lopes dos. De ativista infantil a prêmio nobel pela paz: a história de Malala e seu desejo de estudar. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 1, p. 40–51, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.7465. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/7465>.